

# L'EMIGRANTE

**L'INCREDIBILE STORIA DI UN IMMIGRANTE CHE SI RITROVÒ SENZA SOLDI AL MOMENTO DELL'IMBARCO SUL VOLO CHE LO AVREBBE PORTATO IN BRASILE E ANDÒ A LAVORARE COME BRACCIANTE NELLA RACCOLTA DELLA CANNA DA ZUCCHERO**

**DI / POR FRANCO GENTILI - SC**

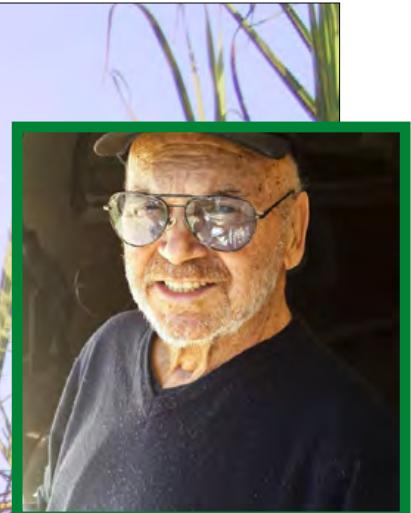


Foto Desiderio Peroni / Agf/Agf Insieme

## **Quando ero studente immaginavo l'emigrante come un avventuriero che andava all'estero in cerca di fortuna. Più tardi identificavo l'emigrante come lo "zio d'America", colui che era diventato ricco oltre oceano.**

ra che anch'io sono emigrante, mi rendo conto che molti emigranti hanno trovato lavoro all'estero, ma solo pochi fortunati sono diventati ricchi.

Non avrei mai immaginato di diventare io stesso un emigrante. Un emigrante vero, colui che abbandona tutto e tutti per cercare una nuova vita, in un paese sconosciuto, ma che offre delle possibilità di vivere una vita degna di essere vissuta. Bene, tutti sanno questo, quello che nessuno sa è come iniziò la mia vita di immigrante in un paese lontano come il Brasile.

L'opportunità mi fu data da un mio amico brasiliano, proprietario di un albergo in una cittadina vicino a San Paolo. Mi invitò a lavorare nel suo hotel, non sapevo che lavoro mi avrebbe offerto, pensavo giardiniere, vista la mia passione per le piante, ma avrei fatto anche il lavapiatti, a cinquantacinque anni cosa altro potevo fare?

Alla partenza il primo problema: avevo due valigie (tutti i miei averi) con poco vestiario e i ricordi che non lascio mai, non sapevo che il peso dei bagagli in aereo non poteva superare i 20 kg per valigia, le mie pesavano 45 kg. Dovetti pagare una multa

■ **O EMIGRANTE** - Quando estudante, eu imaginava o emigrante como um aventureiro que ia para o exterior em busca de melhor sorte. Mais tarde, eu identificava o emigrante como o "tio da América", que tinha se tornado rico do outro lado do oceano.

Agora que eu também sou emigrante tenho a consciência de que muitos emigrantes encontraram trabalho no exterior, mas somente poucos afortunados se tornaram ricos.

Eu nunca tinha imaginado de me tornar um emigrante. Um emigrante de verdade, aquele que abandona tudo e todos em busca de uma nova vida num país desconhecido, mas que oferece oportunidades para uma vida digna de ser vivida. Bem, todos sabem disso, mas o que ninguém sabe é como eu comecei a minha vida de emigrante num país distante como o Brasil.

A oportunidade foi-me oferecida por um amigo brasileiro, proprietário de um hotel numa cidadezinha próxima de São Paulo. Convidou-me para trabalhar em seu hotel e eu sequer sabia que tipo de trabalho ele me oferecia; pensava como jardineiro, tendo em vista minha paixão por plantas, mas teria sido também lavador de pratos. Aos 55 anos de idade, que poderia eu fazer?

Ao partir de viagem, surge primeiro problema: eu tinha duas malas (tudo o que eu possuía) com pouca coisa de vestir e as lembranças que nunca largo. Não sabia que o peso da bagagem não podia superar os 20 quilos cada mala e as minhas pesavam 45 quilos. Tive que pagar uma multa pelo sobre peso no valor de 225 dólares e eu tinha 300. Fiquei com 75.

Quando levantei-me em voo, olhei tristemente a última faixa de terra italiana, estava seguro que não voltaria

per il sovrappeso del valore di 225 dollari, ne avevo 300. Rimasi con 75.

Quando mi alzai in volo, guardai tristemente l'ultimo lembo di terra italiana, ero sicuro che non sarei più tornato. Addio figli miei...avete ormai le vostre famiglie...non vi vedrò mai più, ma vi penserò sempre. Addio amici..non passerò più le mie giornate al bar ubriacandomi inutilmente e consumandomi lentamente. Addio Italia...

Non riuscii a dormire nella lunga notte di viaggio, mi assillava il pensiero di arrivare in Brasile senza denaro, come potevo presentarmi in quelle condizioni all'Hotel?

Arrivato, ricevetti il visto di tre mesi. Lasciai le valigie in deposito all'aeroporto, misi in uno zainetto un paio di cambi di biancheria e mi sedetti su una panchina di fronte alla lunga fila di taxi. Stavo pensando a come risolvere i miei problemi, quando sentii uscire dalla bocca di un vecchio tassista un italico "mannaggia". Era un romano, vecchio emigrante, conversammo e con vergogna gli illustrai la mia situazione. Gli feci pena. "Paisà, tra poco termino il turno, ti do un passaggio fino in città, ti porterò al Consolato, penso che loro ti possano aiutare". Se non avesse avuto una foltissima barba l'avrei baciato.

Al Consolato incontrai una fila chilometrica di brasiliani che erano in attesa di ricevere il visto per emigrare, in cerca di lavoro, in Italia. Nonostante la mia situazione mi venne da ridere... interscambio.

Arrivato, dopo due ore, il mio turno, raccontai a un esterrefatto funzionario napoletano la mia storia. Si diede da fare, come solo i napoletani sanno fare, e dopo mezz'ora mi annunciò l'unica soluzione possibile in quel momento. Un italiano di nome Vittorino, vêneto e rico fazendeiro, garantira a ele que poderia empregar-me em sua fazenda por dois meses. Bem,

nunca mais. Adeus meus filhos... vocês já têm suas famílias... não os verei jamais, mas pensarei sempre em vocês. Adeus, amigos... não passarei mais meus dias no bar embriagando-me inutilmente numa lenta consumação. Adeus, Itália...

Não consegui dormir na longa noite da viagem, me atormentava a ideia de chegar no Brasil sem dinheiro. Como me apresentaria naquelas condições ao hotel?

Na chegada, recebi o visto de três meses. Deixei as malas num depósito do aeroporto, coloquei numa pequena mochila uma muda de roupa e me sentei num pequeno banco diante da longa fila de táxis. Estava pensando sobre como resolver meus problemas quando ouvi de um velho taxista a itálica palavra "maldito". Era um romano, antigo emigrante. Conversamos e, de forma envergonhada, contei para ele sobre minha situação. Ele ficou com pena de mim. "Conterrâneo, daqui a pouco termino meu turno, dou-te um carona até a cidade, te levarei no Consulado, acho que eles podem te ajudar". Se ele não tivesse uma barba tão espessa, eu o teria beijado.

No Consulado encontrei uma fila quilométrica de brasileiros que aguardavam o visto para emigrar para a Itália, à procura de trabalho. Não obstante a minha situação, tive que rir... intercâmbio.

Duas horas depois chegou a minha vez, contei a minha história a um atônito funcionário napolitano. Procurou me ajudar, como somente os napolitanos sabem fazer e, depois de meia hora, anunciou a única solução possível naquele momento. Um italiano de nome Vittorino, vêneto e rico fazendeiro, garantira a ele que poderia empregar-me em sua fazenda por dois meses. Bem,

ricco "fazendeiro", gli aveva assicurato che avrebbe potuto impiegarmi nella sua "fazenda" per due mesi. Bene, avrei potuto guadagnare un poco di denaro e poi presentarmi all'Hotel.

Era dicembre, epoca della raccolta della canna da zucchero, la "fazenda" era a 300 km da San Paolo, nella zona coloniale. Presi un "ônibus" antidiluviano con capre e galline.

Arrivato, un "capataz" mi indicò un capannone. Entrai, una lunga fila di materassi. Vecchi e consumati, mi ricevettero. Un vecchio cuoco negro, stava preparando la cena per i "boia fria", tagliatori di canna che sarebbero arrivati alla notte.

Mi diede da mangiare, l'aspetto della brodaglia era repellente, ma il sapore era buono. Feci una doccia in una cabina fuori dal capannone e riassestatomi incominciai a dialogare con il cuoco. Sapevo appena qualche parola in portoghese, lui di italiano sapeva solo dire "pizza" e Gigliola Cinquetti (famosa da quelle parti), ostentava una decisa superiorità, perché l'anno prima il Brasile aveva vinto la coppa del mondo battendo l'Italia ai rigori e Baggio era diventato l'idolo del Brasile.

Incredibile, ma ci intendemmo. Mi spiegò come funzionava la vita del "boia fria", la mia nuova occupazione. Alla notte arrivarono circa una trentina di uomini (se così si potevano chiamare) lerci, sudati e affamati. Si buttarono sulla brodaglia (riso, fagioli e un poca di carne) e non essendoci nel capannone un tavolo, ogni uno si sedette sul materasso a mangiare.

Naturalmente ero la curiosità della truppa. Diventammo presto amici.

Alle tre e mezza mi svegliarono dal mio sonno senza sogni, si andava al lavoro. Mi diedero un affilato machete e una specie di parastinchi (per evitare

assim eu poderia ganhar um pouco de dinheiro e, depois, apresentar-me no hotel.

Era dezembro, époda da colheita da cana de açúcar, a fazenda ficava a 300 km de São Paulo, na área colonial. Tomei um ônibus pré-diluviano com cabras e galinhas.

Cheguei, o capataz indicou-me um galpão. Entrei, uma longa fila de colchões. Velhos e desgastados me receberam. Um velho cozinheiro negro estava preparando a ceia para os que chegariam à noite.

Deu-me de comer, o aspecto da sopa era repelente, mas o sabor era bom. Tomei um banho numa cabine fora do galpão e, ao me acomodar, comecei a conversar com o cozinheiro. Eu conhecia poucas palavras em português, ele de italiano sabia dizer apenas pizza e Gigliolla Cinquetti (famosa naquela região); ostentava uma decidida superioridade pois, no ano anterior, o Brasil tinha vencido a Copa do Mundo batendo a Itália nos pênaltis e Baggio tinha se tornado o ídolo do Brasil.

Incrível, mas conseguimos nos entender. Explicou-me como funcionava a vida de um boia fria, meu novo trabalho. De noite chegaram cerca de 30 homens (se assim podiam ser chamados) imundos, suados e famintos. Atiraram-se sobre o sopão (arroz, feijão e um pouco de carne) e como não havia mesa no galpão, cada um sentou-se sobre o colchão para comer.

Eu era, naturalmente, a curiosidade de turma. Rapidamente nos tornamos amigos.

Às três horas e meia da madrugada me acordaram de meu sono sem sonhos. Precisava ir trabalhar. Deram-se um afiado facão e um tipo de caneleira (para evitar que não me cortasse as pernas com o facão); fui colocado sobre um caminhão normalmente usado para transporte de materiais e animais, e olá... bom trabalho, Franco.

Às cinco horas, ao despontar do sol,

che accidentalmente con il machete mi tagliassi le gambe) fui caricato su un camion, normalmente usato per trasportare materiali e bestiame, e alé... buona giornata, Franco.

Alle cinque, allo spuntar del sole, diventai un... "boia fria", mi assegnarono una striscia di canna da zucchero, larga circa un metro e lunga chilometri, fuligginosa, perché nella notte era stata bruciata, mi insegnarono a tagliare la canna il più basso possibile, dove il legno era più duro perché gli zuccheri si concentrano maggiormente alla base della canna. Mi ci vollero quattro o cinque colpi di machete per vincere la resistenza della prima canna. Tutti gli altri erano rapidi un colpo e zac... La canna cadeva.

Tutti avanzavano rapidamente e presto li persi di vista. Avevo fatto cinque metri, loro cinquanta. Sudavo maledettamente, mi mancava il fiato, ce la mettevo tutta (perché la paga non è a ore, ma a metri di canna tagliati) non c'era niente da fare, sembravano pali di cemento.

Alle undici, mezz'ora di sosta per il pasto, suonò un clacson di camion e tutti si fermarono, fui il primo a raggiungere il luogo di partenza, perché ero il più vicino. Mentre mangiavamo seduti su cataste di canna, gli altri "boia fria" mi osservavano con pena e stupore, alcuni mi battevano una mano sulla spalla, per solidarietà, per incoraggiamento... erano giovani, venivano da migliaia di chilometri di distanza, dal nord-est del Brasile, la zona più povera, semi analfabeti, quasi tutti neri o mulatti, erano gli schiavi moderni, lavoravano per non far morire di fame le loro famiglie, per loro ogni metro di canna era un pezzo di pane in più per i loro figli.

Terminammo alle sette di sera, al tramonto. Ero a centinaia di metri dagli altri.

tornei-me um... boia fria. Entregaram-me uma tira de cana de açúcar com cerca de um metro de largura e quilômetros de comprimento, fuliginosa, porque durante a noite tinha sido queimada, ensinaram-me a cortar a cana o mais rente ao chão possível, onde a lenha era mais dura porque os açúcares se concentram mais no pé da cana. Foram necessários quatro ou cinco golpes de facão para vencer a resistência da primeira cana. Todos os outros eram rápidos, um só golpe e zac... a cana caia.

Todos avançavam rapidamente e logo os perdi de vista. Eu tinha feito uns cinco metros; eles, 50. Eu suava intensamente, faltava-me o fôlego, dava tudo de mim (porque o pagamento não era por hora e, sim, por metro de cana cortada); não havia nada que fazer, pareciam estacas de cimento.

Às onze horas, meia hora de descanso para o almoço, tocou uma buzina de caminhão e todos pararam; fui o primeiro a alcançar o lugar de partida, pois estava mais próximo. Enquanto comíamos sentados sobre montes de cana, os outros boias frias me observavam com pena e espanto, alguns davam tapinhas nas costas, por solidariedade, encorajando-me... eram jovens, vinham de milhares de quilômetros de distância, do Nordeste brasileiro, a área mais pobre, semi analfabetos, quase todos negros ou mulatos; eram os escravos modernos, trabalhavam para não deixar suas famílias morrerem de fome. Para eles, cada metro de cana significava um pedaço de pão a mais para seus filhos.

Paramos às sete horas da noite, ao por do sol. Eu estava centenas de metros atrás dos outros.

Voltando sobre o caminhão ninguém me caçoava e eu não sentia vergonha, tinha

Tornando sul camion nessuno mi derideva e io non sentivo vergogna, avevo fatto il possibile. Mi doleva molto la mano, la spalla destra e la gola, non riuscivo quasi a respirare, continuavo bere acqua caldissima e amara. Arrivato al capannone, la mia mano era arrossata e gonfia, quasi non riuscivo a chiuderla. Gli altri "boia fria" me la disinfezionarono e collocarono sopra i calli, che si stavano formando, un unguento, puzzolente, ma che leniva un poco il dolore e mi fasciarono con una grossa benda. Dormii, la stanchezza era più forte del dolore, il giorno dopo avrei usato la mano sinistra.

Incominciai il secondo giorno di lavoro. Il "fiscal" notò che ero enormemente in ritardo, ma non disse nulla, misurò i metri che avevo fatto il giorno precedente, come a tutti gli altri e ripartimmo. Se usando la mano destra ero lento, con la sinistra era una tragedia.

Alla notte ritornai, anche con la mano sinistra gonfia, sembrava piena di acqua e pus, ed il dolore era atroce. Non c'era nessuna cassetta di pronto soccorso, nessun antidolorifico, solo alcool per disinfezionare.

Dopo una notte insonne al mattino la mia mano sembrava un melone. Il "boia fria" che mi medicava, mi si avvicinò e con un coltello da cucina mi prese la mano e senza dire una parola mi fece una profonda incisione alla base dell'indice. Non sentii alcun dolore, dalla ferita incominciarono ad uscire pus e sangue, la mano si sgonfiò come un pallone scoppiato.

Al mio terzo giorno di lavoro mi presentai con tutte e due le mani fasciate e per tutti divenni "Padre Pio" in quel tempo famoso anche in Brasile. Il "fiscal" mi osservò con indifferenza, misurò il lavoro del giorno precedente. Con una

feito o possível. Me doíam muito a mão, o ombro direito e a garganta; quase não conseguia respirar, continuava a beber água quente e amarga. Quando cheguei no galpão, minha mão estava vermelha e inchada, quase não conseguia fechá-la. Os outros boias frias as desinfetaram para mim e colocaram sobre os calos que estavam se formando uma pomada malcheirosa, mas que aliviava um pouco a dor, e me enfaixaram com um grande curativo. Dormi, o cansaço era mais forte que a dor; no dia seguinte eu teria que trabalhar com a mão esquerda.

Teve início o segundo dia de trabalho. O fiscal percebeu que eu estava em grande atraso, mas não disse nada; mediu os metros que eu tinha realizado no dia anterior, assim como fez com os demais e começamos. Se usando a mão direita eu era lento, com a esquerda seria uma tragédia.

A noite voltei também com a mão esquerda inchada, parecia cheia de água e pus e a dor era insuportável. Não existia nenhum kit de primeiros socorros, nada de analgésico, apenas álcool para desinfetar.

Depois de uma noite sem dormir, pela manhã, minha mão parecia um melão. O boia fria que me medicava aproximou-se de mim, pegou a mão e, sem dizer uma palavra, com uma faca de cozinha fez um profundo corte na base do dedo indicador. Não senti nada de dor e da ferida começou a verter pus e sangue, a mão desinchou como uma bola esvaziada.

No meu terceiro dia de trabalho me apresentei com as duas mãos enfaixadas e, para todos, tornei-me "Padre Pio", naqueles tempos famoso também no Brasil. O fiscal observou-me com indiferença, mediu o trabalho do dia anterior. Com uma cinta amarrei o facão à minha mão direita e de alguma forma eu

cinghia mi legai il machete alla mano destra e in qualche modo riuscivo ad abbattere qualche canna.

Quando rientrai tutti mi circondarono per curarmi le mani, per dirmi parole (incomprensibili) ma di conforto.

Il quarto giorno mi sentivo meglio, anche moralmente. Arrivati alla piantagione, mentre stavo per legarmi il mancete alla mano destra, vidi un "boia fria" che stava tagliando la canna della mia arretratissima fascia, tentai di chiedere qualche spiegazione, ma lui mi zitti e mi disse di lasciarlo lavorare in pace, passarono 15 minuti, un altro "boia fria" arrivò a sostituirlo. Fu così per tutto il giorno, tutti dedicarono una parte di lavoro per me, rinunciavano a una parte del loro salario per aiutarmi, per aiutare uno sconosciuto.

Quando tentai di ringraziarli, sorridenti mi dissero che il mio lavoro era quello di andare a prendere l'acqua fresca nel vicino rio, sarebbe stata benedetta...visto che ero diventato Padre Pio. A cinquantacinque anni, finalmente ho scoperto che cosa significa...solidarietà.

Il quarto giorno alle 11, durante l'ora di sosta, arrivarono due fuori strada, fra i "fiscal", "capataz", sorveglianti e "boia fria" ci fu agitazione, era arrivato il padrone con i suoi tecnici, l'italiano Vittorino. Ero seduto, su una catasta di canna, come gli altri e come gli altri mangiavo.

Vittorino parlò un poco con il capataz, poi mi si avvicinò e mi disse con un tono di voce duro di chi è abituato a comandare: "Sei tu l'italiano?"

L'osservai, era un uomo circa della mia età, magro, alto con una faccia dura, da uomo che aveva costruito la sua fortuna con sofferenze, fatica e sudore.

Non gli risposi immediatamente e

conseguia cortar algumas canas.

Quando voltei, todos me cercaram para curar minhas mãos, para dizer palavras (incompreensíveis) de conforto.

No quarto dia me sentia melhor também moralmente. Chegando na roça, enquanto eu estava amarrando o facão à mão direita, vi um boia fria que estava cortando cana em minha atrasadíssima faixa; tentei obter alguma explicação, mas ele calou-me e disse para deixá-lo trabalhar em paz. Passaram-se 15 minutos e um outro boia fria chegou para substituí-lo. E assim foi durante todo o dia; todos dedicaram uma parte de seu trabalho para mim. Renunciavam a uma parte de seu trabalho para me ajudar, para ajudar um desconhecido.

Quando tentei agradecê-los, sorridentes me disseram que o meu trabalho seria o de ir buscar água fresca no rio vizinho, que seria benta... uma vez que eu tinha me tornado Padre Pio. Aos 55 anos, finalmente descobri o que significa... solidariedade.

No quarto dia, às 11 horas, durante o período de descanso, chegaram dois veículos 'off-road'. Entre os fiscais, o capataz, chefes e boias frias aconteceu um grande agito; tinha chegado o patrão com seus técnicos, o italiano Vittorino. Eu estava sentado sobre um monte de cana como os demais e, como os demais, estava comendo.

Vittorino falou um pouco com o capataz, depois aproximou-se e me disse com um tom áspero de quem é acostumado a comandar: "É você o italiano?"

Eu o observei, era um homem com mais ou menos a minha idade, magro, alto, com um rosto duro, próprio de alguém que tinha construído sua fortuna com dor, labuta e suor.

Não lhe respondi imediatamente e continuei comendo.

continuai a mangiare.

Mi si avvicinò di più, mi guardò le mani bendate, la mia barba bianca, la mia testa pelata e più gentilmente mi richiese: "È lei l'italiano?"

Posai per terra la marmitta, mi alzai e nascondendo le mani dietro la schiena, terminando di deglutire il boccone, annuìi.

"Da dove viene?", continuò Vittorino. "Verona", risposi. "Verona! siamo vicini; io sono nato a Recoaro, in provincia di Vicenza", sorrisi. "So dove'è Recoaro".

Parlava un pessimo italiano e decidemmo di parlare in dialetto veneto. Incominciò a camminare e mi invitò andare con lui. Mi raccontò che era nato in tempo di guerra, nel 1942. La sua famiglia emigrò in Brasile nel 1956 e essendo contadini continuarono a lavorare e comprare la terra. "Dio può tutto ma non può fare più

Aproximou-se mais de mim, olhou minhas mãos enfaixadas, minha barba branca, minha cabeça calva e mais gentilmente refez a pergunta: "É o senhor o italiano?"

Coloquei a marmita no chão, levantei-me e, escondendo as mãos atrás das costas, terminando de mastigar o bocado, concordei.

"De onde vem?", prosseguiu Vittorino. "Verona", respondi. "Verona! somos vizinhos; eu nasci em Recoaro, província de Vicenza", sorri. "Sei onde é Recoaro".

Falava um péssimo italiano e decidimos falar em dialeto vêneto. Começou a caminhar e convidou-me a ir com ele. Contou-me que nascera no tempo da guerra, em 1942. Sua família emigrou para o Brasil em 1956 e, sendo agricultores, continuaram a trabalhar e comprar terra.



# TRADUÇÃO JURAMENTADA PARA CIDADANIA ITALIANA E AIRE



terra di quella che esiste, per questo è preziosa", disse.

Era diventato proprietario di migliaia di ettari e produceva di tutto, canna da zucchero, soia, grano, mais, bestiame... "Anch'io sono nato nel 1942", lo informai. "Quando?" "Il sette luglio". Con una fragorosa risata mi disse "Io il tredici luglio"... "Già, il tredici porta fortuna!". "Non è questione di fortuna, sono questa testa e queste braccia la mia fortuna".

Aveva ragione , testa e braccia che io non avevo.

Mi chiese cosa avevo fatto alle mani, glielo dissi. Volle accompagnarmi nella casa che usava quando veniva nella fazenda, dove c'era una infermeria. Salimmo sulla sua Jeep, mandò un suo collaboratore a sedersi dietro e fra lo stupore di tutti mi invitò nel sedile accanto a lui.

Guidava come un pazzo, in mezzo a quella terra rossa battuta, sollevava una nuvola di polvere, passando vicino ai "boia fria", li salutai con la mano, nessuno mi rispose... si sentivano traditi, ed era vero.

La casa nella "fazenda" era enorme, con 4 domestici. Mi mandò nell'infermeria, dove mi curarono le mani e le ribendarono con una garza fine. Nel frattempo Vittorino aveva mandato a prendere il mio zainetto nel capannone, dove avevo un cambio di biancheria pulito. Feci un bagno e curai un poco la mia barba.

Ritornai nel salone, dove Vittorino seduto su un divano stava parlando con i suoi collaboratori. Come mi vide si alzò e mi venne incontro, mi sorrise... ero ritornato un essere umano.

Cenai con lui, non mi fece nessuna domanda sul mio passato, parlammo molto. Alla fine mi disse "Siamo coetanei, possiamo darci del tu?"

Ne fui Felice. Come me amava la storia

"Deus pode tudo, mas não pode fazer mais terra do que existe, por isso ela é preciosa", disse.

Tornara-se proprietário de milhares de hectares e produzia de tudo, cana de açúcar, trigo, milho gado... "Eu também nasci em 1942", disse a ele. "Quando?" "Dia sete de julho" Com uma gargalhada disse-me "Eu, em 13 de julho"... "Sim, o dia 13 traz boa sorte!" "Não é questão de sorte, esta cabeça e estes braços são minha sorte".

Tinha razão, cabeça e braços que eu não tinha.

Ele me perguntou o que tinha acontecido com minhas mãos, eu expliquei. Quis acompanhar-me até a casa que usava quando vinha à fazenda e onde existia uma enfermaria. Subimos no Jeep, ordenou um seu colaborador que sentasse atrás e, para espanto de todos, convidou-me a sentar-se a seu lado.

Dirigia como um louco; no meio daquela terra vermelha de chão batido, levantava uma nuvem de poeira, passando rente aos boias frias; saudei-os com as mãos, ninguém me respondeu... sentiam-se traídos, e isso era verdade.

A casa na fazenda era enorme, com quatro empregados. Mandou-me à enfermaria, onde trataram de minhas mãos e a enfaixaram com uma gaze muito fina. Enquanto isso, Vittorino tinha mandado buscar minha mochila no galpão, onde eu tinha uma muda de roupa limpa. Tomei banho e tratei um pouco de minha barba.

Voltei ao salão onde Vittorino estava sentado sobre um sofá e falava com seus colaboradores. Quando me viu, levantou-se e veio ao meu encontro sorrindo... eu tinha voltado a ser um ser humano.

Jantei com ele, não me fez qualquer pergunta sobre meu passado, falamos muito. Ao final, disse-me: "Somos da



Foto: DESIDERIO PERON / ARQUIVO INSIEME

e la letteratura, parlammo delle nostre città e della nostra regione, il Veneto. Alla fine, sorridendo, disse: "Ho una idea, perché non insegni un poco di italiano ai miei nipoti?"

Accettai.

Mandò un suo autista all'aeroporto a prendere i miei bagagli e mi sistemai nella sua casa, un piccolo appartamento... una reggia. Mi anticipò del denaro e incominciai la mia nuova vita di professore di italiano.

Tutti i giorni, due ore al mattino e due ore nel pomeriggio davo lezione ai suoi cinque nipoti. Ragazzi simpatici e intelligenti, mi trovavo molto bene con loro.

Quando c'erano ricevimenti e cene sociali, sempre ero invitato e trattato come ospite di riguardo.

Una sera c'erano alcuni ospiti di Brasília, fra questi il colonnello Alfonso, un vecchio coltissimo,

**CLICCATE  
NELL'IMMAGINE  
PER VEDERE IL  
VIDEO SUGLI  
STRUMENTI DI  
TORTURA NEL  
MEDIO EVO, CON  
SPIEGAZIONI DI  
FRANCO GENTILI  
(AGOSTO 2010).**



**CLIQUE NA IMAGEM  
(OU NO ÍCONE) PARA  
VER O VÍDEO SOBRE  
INSTRUMENTOS  
DE TORTURA NA  
IDADE MÉDIA, COM  
EXPLICAÇÕES DE  
FRANCO GENTILI  
(AGOSTO DE 2010).**

mesma idade, podemos nos tratar de tu?"

Fiquei feliz com isso. Como gosto de história e literatura, falamos de nossas cidades e da nossa região, o Vêneto. No final, sorrindo, disse: "Tenho uma ideia, não queres ensinar um pouco de italiano para os meus netos?"

Aceitei.

Mandou um motorista seu ao aeroporto buscar minhas malas e me instalei em sua casa, um pequeno apartamento... um palácio. Antecipou-me dinheiro e comecei minha nova vida de professor de italiano.

Todos os dias, duas horas pela manhã e duas horas à tarde eu dava aula a seus cinco netos. Jovens simpáticos e inteligentes, eu me dava muito bem com eles.

Quando aconteciam recepções e jantares sociais, eu sempre era convidado e tratado como um convidado ilustre.

scrittore e presidente dell'Istituto Storico e Geografico di Brasília, un ex colonnello in pensione, amico in gioventù del presidente Juscelino Kubitschek. Finita la cena ci fermammo sulla veranda a conversare. Parlammo della storia d'Italia, bevendo un buon vino e fumando un buon sigaro. Il tema era l'epoca medioevale e il periodo triste dell'inquisizione. La tortura. Esposi quello che sapevo e i miei convincimenti. Andammo a dormire a notte inoltrata.

Il giorno dopo quando mi presentai per l'ora di lezione, trovai il col. Alfonso e Vittorino che mi aspettavano. Alfonso aveva convinto Vittorino di lasciarmi partire per Brasília, dove mi aveva fissato un appuntamento con un suo amico del Ministero della Giustizia, per farmi fare una serie di conferenze sul tema della tortura, termine estremamente comune in Brasile in quell'epoca.

Vittorino mi diede un generoso compenso per le lezioni ai suoi nipoti e, con una fraterno abbraccio, mi augurò buona fortuna. Ne avevo veramente bisogno.

Brasilia, la capitale del Brasile, è una città strana, fondata negli anni sessanta nel centro del paese, è nata per essere una capitale. Alfonso abitava nella zona residenziale, fui ospite nella sua casa.

Un giorno mi fu fissato un appuntamento con il dipartimento dei diritti umani del ministero della giustizia. Mi organizzarono una serie di conferenze nelle università del Mato Grosso del Sud, San Paolo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande del sud.

La mia vita , ancora una volta si trasformò. Il denaro non era più un problema. Arrivarono anche fama e successo.

Sono nato di nuovo. ☑

Numa dessas noites vieram alguns hóspedes de Brasília, entre eles o Coronel Alfonso, um velho muito culto, escritor e presidente do Instituto Histórico Histórico e Geográfico de Brasília, um ex-coronel aposentado, na juventude amigo do presidente Juscelino Kubitschek. Terminado o jantar, ficamos na varanda a conversar. Falamos sobre a história da Itália, bebendo um bom vinho e fumando um bom charuto. O tema era a Idade Média e o período da Inquisição. A tortura. Expus o que sabia e minhas crenças. Fomos dormir tarde da noite.

Dia seguinte, quando me apresentei para a aula, encontrei o coronel Alfonso e Vittorino que me esperavam. Alfonso tinha convencido Vittorino a me deixar partir para Brasília, onde tinha agendado um encontro com um amigo seu do Ministério da Justiça, para que eu fizesse uma série de palestras sobre o tema da tortura, um termo muito em voga no Brasil daquela época.

Vittorino me deu uma generosa compensação pelas aulas a seus netos e, com um fraterno abraço, desejou-me boa sorte. Eu realmente precisava disso.

Brasília, a capital do Brasil, é uma cidade estranha, fundada nos anos 60 no centro do País. Nasceu para ser uma capital. Alfonso habitava na área residencial, fiquei hospedado em sua casa.

Um dia foi agendado um encontro meu com o Departamento dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça. Organizaram para mim uma série de palestras em universidades do Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Minha vida , outra vez mudou. O dinheiro não era mais um problema. Vieram-me também fama e sucesso.

Nasci de novo. ☑